



## **Educação Ambiental desde El Sur: A perspectiva da Terrexistência como Política e Poética Descolonial**

### **Environmental Education desde El Sur: The Perspective of Terrexistence as Politics and Decolonial Poetics**

### **Educación ambiental desde El Sur: La perspectiva de la terrexistencia como política y poética decolonial**

Luiz Rufino<sup>1</sup>  
Daniel Renaud Camargo<sup>2</sup>  
Celso Sánchez<sup>3</sup>

#### **Resumo**

Este artigo tem como objetivo apresentar algumas reflexões teóricas para pensar a educação ambiental a partir de uma perspectiva biocósmica, tendo como bases o caminho das pedagogias de encruzilhadas e uma discussão crítica sobre o desenvolvimento sustentável, para aportar em uma educação ambiental contextualizada às realidades do Sul global. Introduzimos a ideia da terrexistência como um imperativo para o re-encantamento da educação ambiental e, conseqüentemente, a produção de uma vertente Desde El Sur. Defendemos, portanto, a possibilidade do re-encantamento como política da vida, para a produção de abordagens capazes de enfrentar a batalha da descolonização das propostas de educação ambiental.

Palavras-chave: Descolonização. Educação Ambiental. Encantamento.

#### **Abstract**

This article aims to present some theoretical reflections to think about environmental education from a biocosmic perspective, based on the path of crossroads pedagogies and a critical discussion on sustainable development, to contribute to an environmental education contextualized to the realities of the South global. We introduced the idea of terrexistence as an imperative for the re-enchantment of environmental education and, consequently, the production of a strand desde El Sur. We therefore defend the possibility of re-enchantment as a policy of life, for the production of capable approaches to face the battle of decolonization of environmental education proposals.

Key-words: Decolonization. Environmental education. Enchantment.

#### **Resumen**

Este artículo tiene como objetivo presentar algunas reflexiones teóricas para pensar la educación ambiental desde una perspectiva biocósmica, basada en el camino de las pedagogías de encrucijada y una discusión crítica sobre el desarrollo sostenible, para contribuir a una educación ambiental contextualizada a las realidades del Sur. global. Introdujimos la idea de la terrexistencia como imperativo para el reencantamiento de la educación ambiental y, en consecuencia, la producción de una hebra Desde El Sur. Defendemos, por tanto, la posibilidad del reencantamiento como política de vida, para la producción de enfoques capaces. para afrontar la batalla de la descolonización de las propuestas de educación ambiental.

Palabras-clave: Descolonización. Educación ambiental. Encantamiento.

#### *Introdução*

Nessa proposta debateremos como o acontecimento colonial alicerça a Modernidade em contraturalidades raciais, antropocenas (em particular plantationcenas , por conta do

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual do Rio de Janeiro-FEBF.

<sup>2</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro-EICOS.

<sup>3</sup> Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

pilar patriarcal). Dessa forma, o Novo Mundo e o chamado “desenvolvimento” operado na ideologia do progresso e nas políticas ocidentalistas têm no racismo e no patriarcado, bem como na dicotomia e hierarquia humano versus natureza seus fundamentos básicos. Assim, temos como principal objetivo debater a crítica ao colonialismo nas dimensões da Educação Ambiental. Ao nosso olhar, essa crítica perpassa a problematização do racismo epistêmico (CARNEIRO, 2005) e da colonialidade cosmogônica (WALSH, 2009) e a situa na perspectiva da Educação Ambiental desde el sur, entendida como uma abordagem da educação ambiental contextualizada as realidades socioambientais do sul global que, por sua vez, são geradoras de profundas desigualdades e injustiças socioambientais. Tais realidades e injustiças revelam justamente as dicotomias hierárquicas que se situam no âmbito dos efeitos persistentes do colonialismo. Nesse sentido, esses aspectos continuam a ser perpetuados nos parâmetros científicos, mesmo aqueles tidos como progressistas, mas que se revelam extremamente ocidentalizados. Nesse tom, apostamos no diálogo com as noções de biointeração (SANTOS, 2019) direitos biocósmicos (MALOMALO, 2019), encantamento (RUFINO; SIMAS, 2020) e cruzoo, (RUFINO, 2019) como disponibilidades conceituais para a inscrição da crítica ao colonialismo como reivindicação da emergência de esferas de saber que rompam com os limites impostos pelo padrão dominante de ser/saber determinado pelo Ocidente-europeu e para propormos uma reflexão sobre o que viemos a nomear como terexistência.

*Primeiro ato: sobre a ofensiva colonial e a emergência da descolonização*

A chegada das caravelas às praias desse continente que hoje conhecemos como América Latina representou um desvio na história dos viventes integrados nestas faixas de terra e água. Esse desvio marcado pela nomeação desse território em homenagem à Américo Vespúcio, explorador e expropriador espanhol, define a intervenção que destaca desde a apropriação física do território a ideia de referenciar à ocupação linguística e, portanto, simbólica do lugar. Os que aqui antes habitavam são investidos de desvio existencial ao serem renominados e engendrados na semântica colonial. Sobre essa questão da renomeação como estratégia de dominação, Nego Bispo (SANTOS, 2019) chama a atenção para o fato dos colonizadores usarem essa prática comum aos adestradores destacando que “sempre que se quer adestrar um animal a primeira coisa que se muda é o seu nome.” (p. 27) com isso nos adverte que “[...]os colonizadores, ao substituírem as diversas autodenominações desses povos [...] estavam tentando quebrar suas identidades com o intuito de os coisificar/desumanizar” (p. 27). Diante do terror colonial Pindorama e Abya Yala tornam-se alegorias, metáforas, enquanto a miríade de povos e línguas, de muitos mundos e com uma enorme diversidade são unificados dentro do projeto “América Latina” - assim, aqui o projeto de dominação e expropriação se completam, território e terror encontram o mesmo radical semântico, como nos lembra o geógrafo Haesbart (2007):

(...) desde sua origem, o território nasce com uma dupla conotação, material e simbólica, pois etimologicamente aparece tão próximo de terra-territorium quanto de terreoterror (terror, terrorizar), ou seja, tem a ver com dominação (jurídico-política) da terra e com a inspiração do terror, do medo - especialmente para aqueles que, com esta dominação, ficam aliados da terra, ou no “territorium” são impedidos de entrar. Ao mesmo tempo, por outro lado, podemos dizer que, para aqueles que têm o privilégio de plenamente usufruí-lo, o território pode inspirar a identificação (positiva) e a efetiva “apropriação” (HAESBAERT, 2007, p. 20).

Desta forma, os que viviam outras relações construídas e adaptadas ao longo de centenas ou milhares de anos a partir de conhecimentos ecológicos, tornaram-se os *outros* sem história, desterritorializados e desterrados. Se observarmos algumas das características das sociedades autóctones deste imenso território percebemos em sua centralidade, um

corolário de formas de viver não predatórias, cultivando o tempo, os múltiplos ritmos da natureza em suas rotinas, gramáticas e buscando biotecnologias que as tornavam o que Moscovici (1975) chamou de *sociedades com a natureza*.

Essas presenças e modos de vida não assumiam perspectivas *contra a natureza*, ou seja, ao contrário do projeto civilizacional que foi forçado nesse território, não constituíam sociedades pautadas na superação da natureza, no rompimento com os tempos e ritmos naturais e em biotecnologias que se baseavam em princípios de separatividade com o natural (Moscovici, 1975). Os invasores se caracterizam como sujeitos que precisam impor seu modo de vida *contra natureza* e ele, por sua vez, se caracteriza como monológico e esse curso de uma modo que se quer único, como chamou Chimamanda Ngozi Adichie (2019) ao questionar a “história única” vai impondo um “*modelo civilizacional*” calcado nos regimes da raça, do racismo, da negação da alteridade, da exploração, aniquilação e usurpação dos sistemas vivos inaugurando uma sociedade de desigualdades, destruição e violências sem precedentes.

O invasor elegeu e segue elegendo um perfil para ocupar o topo da pirâmide social em detrimento de outros modos de sentir/ser. Dessa forma, a diversidade é discriminada, perseguida, invisibilizada e excluída. Como nos lembra Rufino e Simas (2020):

Acontece que o humano, como métrica de uma conjunção entre o branco, homem, cristão, obcecado pelo consumo e acúmulo esqueceu que é natureza. Se blindou de civilização a ponto de esquecer que é somente mais uma manifestação do vivo integrado a um amplo e complexo organismo. Por se distanciar disso tem perdido a vivacidade, se adequando a um padrão de desencantamento (p.10-11).

Tal acontecimento colonial que se reivindica civilizatório - no caso o projeto América Latina - se estabeleceu com a intenção declarada de ser uma colônia de exploração (estupro/espólio). Destas terras e de seus viventes extraíram todas as riquezas possíveis, arrancando tesouros, esperanças e as possibilidades de outros futuros: da natureza; dos seres daqui; bem como dos povos que para cá foram trazidos para serem subordinados ao trabalho forçado e ao desvio existencial. Aqui vemos que, para além das culturas não-europeias, a própria natureza também passou a ser alvo de um domínio destrutivo que via a exaustão de suas vitalidades como forma de enriquecimento fácil das metrópoles. Tal processo colonial, portanto, produziu traumas a partir da implantação de uma lógica predatória ao longo deste vasto e diversificado continente - que segundo autores como Enrique Dussel (1993)<sup>4</sup> representou um processo de *encobrimento do outro*, encobrimento dessa enorme diversidade, bem como fundamentou a invenção desse mundo moderno marcado pelas dicotomias, injustiças e desigualdades.

Tal invenção de mundo moderna, pautada na política universalista do Ocidente-europeu, deixa como uma das heranças a crença que corpo, mente e espírito são dimensões distintas. Essas três esferas passaram, então, a ser entendidas como coisas separadas, enquanto a maior parte dos seres afetados pelo acontecimento colonial foram classificados como não-portadores de algumas dessas dimensões. Dessa maneira, para aqueles destituídos de humanidade, desprovidos de razão e fadados a não-salvação, qual seria a possibilidade de existir nessa trama? Nesse caso, como ficariam esses seres sustentados por teias gnoseológicas e biocósmicas que fundamentam a vida a partir de outros sentidos? Diante de tais questionamentos embarcamos na força das palavras de Ailton Krenak (2019), que nos lembra que a *vida é antes de tudo um dom*. E reivindicamos, portanto, o caminho da encruzilhada como uma possibilidade de reencantamento de viventes e do mundo em si.

---

<sup>4</sup> A invenção da modernidade caminha de mãos dadas com o que o filósofo argentino Enrique Dussel chamou de “o Encobrimento do Outro”.

## Convocando as palavras de Simas e Rufino (2019):

A orientação pela encruzilhada expõe as contradições desse mundo cindido, dos seres partidos, da escassez e do desencantamento. As possibilidades nascem dos cruzos e da diversidade como poética/política na emergência de novos seres e na luta pelo reencantamento do mundo. (p. 5)

Porém, a vida ao longo de mais de cinco séculos tem sido afetada pelos desejos da empreitada ficcional e empresarial do colonialismo que, como ressaltou Fanon (1968), é antes de qualquer coisa violência em estado bruto. Ao contrário do que o Ocidente-europeu difundiu em suas cruzadas de dominação, a colonização não ergue bases de civilidade, mas de subordinação e humilhação. Qualquer investimento que queira debruçar-se sobre o debate da vida na relação com o que chamamos de natureza e humano terá de considerar o colonialismo não como um mero marco, mas como um constructo de terror que continua a assombrar.

Uma das características desse processo de expropriação, violência e desumanização tem no desterro dos sujeitos um elemento importante de sua empresa. O desterro é a expropriação do sujeito não apenas de sua terra e de seu lugar, mas de seu território e de suas conexões com o mesmo, ou seja, de suas territorialidades, o que atravessa identidades e produções de si, enfim, sua condição existencial. Dessa forma o programa de aniquilação passa pela desvinculação de todas as condições de produção da vida, incluindo a condição ecológica que constitui o Ser em sua condição ecossistêmica e suas biodinâmicas. Em outras palavras, o colonialismo também significou o rompimento da condição eco-ontológica dos sujeitos que são sociedades com a natureza. Com isso, assumimos a expressão eco-ontologia como provocação para pensar os limites e as políticas que credibilizaram o humano com uma presença distinta e superior em relação aos outros viventes.

Assim, os seres e suas relações ecológicas, ecossistêmicas, biodinâmicas e ecossociais - características de sociedades com a natureza -, ao serem submetidos ao terror colonial entram em uma disputa contra o desencanto. Consideramos o colonialismo como um contínuo que ergue como obra e efeito uma constante perda de potência gerada por uma espécie de carregamento colonial (RUFINO; SIMAS, 2019). Assim, não se trata apenas da perda da terra e do território, mas também da destituição da condição eco-ontológica dos sujeitos - ou seja, a perda daquilo que podemos chamar de terrexistência.

A terrexistência seria, portanto, a condição constitutiva ecológico-existencial, dos viventes capazes de compor sociedades com a natureza. Em outras palavras, uma característica de sociedades cuja biodinâmica e ecossistêmica estabelecem experiências sociais ecologicamente harmônicas em relação ao tempo ecológico e ecossistêmico, assim bioritmos e frequências então radicalmente afinados entre seus sujeitos, comunidades e o tempo da natureza. Consideramos que uma das características do desvio da condição de terrexistência é marcada pelo desencantamento. Assim, o desencantamento não é necessariamente a morte biológica, mas o enclausuramento e desvio existencial, o aquebrantar do corpo, o desmantelo cognitivo e o esquecimento e quebra dos ciclos ancestrais.

Podemos falar que terrexistir, como um devir mais que humano, configura uma dimensão responsiva e responsável em termos biocósmicos que se inscreve como uma das tarefas da descolonização. Essa, que por sua vez, tem entre seus muitos desafios se levantar diante desse processo secular de opressão e assumir o curso da história alinhando diferentes experiências, memórias, narrativas e tecnologias que reposicionem as existências subalternizadas pela edificação de um mundo monológico. A descolonização não é um porvir, ela acontece agora e integra múltiplas presenças vivas, pois, a guerra ainda está em vigor. Esquivar, driblar, rasurar, insurgir e confrontar a lógica totalizante é parte da resistência de diferentes modos de sentir, fazer, brincar, cismar e inventar mundos. Esses

modos, no caso do Brasil, fazem com que a guerra colonial seja enfrentada com a força da diversidade e da confluência (SANTOS, 2019) da vida inscrita nas gramáticas de tantos chãos, rios, plantas, praias, bichos e pessoas.

Nos cabe dizer que entendemos a colonização como um contínuo e não como evento datado. A colonização entendida no duplo ficção/empresa marca as invasões europeias nas margens de cá do Atlântico como a instalação das bases dos crimes, da raça e do racismo, bem como das ideias do humanismo antropoceno que sustentam a modernidade-ocidental. Dessa forma, esse entendimento cruza a elaboração feita por nomes latino-americanos que sustentam a afirmativa de que a colonialidade precede a modernidade.

Na condição de batalhadores brasileiros trabalharemos com o termo colonialismo e descolonização defendendo que esses compreendem desde uma guerra inacabada, assim como a emergência de uma diversidade de formas de batalha que confluem e saltam como políticas e tecnologias ancestrais em defesa da vida. A adesão por esses termos não estabelece nenhuma contradição com as contribuições advindas da esteira dos estudos pós-coloniais ou as do grupo modernidade-colonialidade-decolonialidade. As contribuições desse grupo se integram as de pensadores da chamada crítica ao colonialismo, como Césaire (2008) e Fanon (1968), bem como de autoras e autores brasileiros como Beatriz do Nascimento, Lélia Gonzalez, Abdias do Nascimento, Ailton Krenak e Antonio Bispo dos Santos.

A opção por colonização e descolonização, que em certos momentos pode aparecer também como contracolonização (SANTOS, 2019), se fideliza principalmente ao entendimento de Fanon (1968), Ailton Krenak (2020) e Sandra Benites e colaboradores (2018) que afirmam que vivemos em uma guerra. Dessa maneira, entendemos que da mesma forma que o colonialismo se instaura como um contínuo que opera em inúmeras dimensões, a descolonização é uma frente de luta que implica ações, ou seja, se revela como uma problemática pedagógica. Assim, o que Fanon (1968) chamou de um plano de desordem absoluta para se contrapor a dominação, entendemos que é parte de uma política e de ações educativas que demandam pedagogias próprias.

Nesse sentido, nos cabe marcar o que destacamos como o caráter duplo dessa empreitada de dominação que tem como característica suas dimensões de ficção e empresa. No primeiro aspecto a colonização se instaura no investimento de regimes de verdade, que violentam outros princípios explicativos de mundo, cosmologias, e estabelece o monopólio discursivo via a efetividade da guerra como prática de conversão e subordinação da linguagem e aniquilação existencial. A ficção colonial instituiu noções como a dicotomia humano e natureza e a radicalização dos seres como forma de produção de desvios. Essa política na linguagem pauta intensa produção de discurso, subjetividades, classificação e hierarquização entre os viventes.

Percebam que noções como humano, natureza e raça são condizentes apenas com determinadas percepções de mundo. Assim, existem inúmeras experiências vivenciais, inclusive milenares, que não operam com essas bases e não as utilizam para estabelecer contratualidades sociais. A narrativa admitida e investida pelo projeto do ocidente europeu fratura arranjos biocósmicos e estabelece via justificativa teológico-política e brutalidade militar, ações extremamente predatórias e a autorização do ser racializado (homem branco) como padrão de poder. Dessa forma, a contratualidade antropocena, racial e heteropatriarcal utiliza essas bases como parâmetro para elaborar uma política em que os não brancos não são humanos, enquanto as outras espécies viventes são meros recursos a serem usados, dominados, alterados e esgotados, e o feminino é destituído de sua força e integração biocósmica, subalternizado e subordinado a esse padrão de poder humano, masculino, branco, judaico-cristão e militarizado.

Escassos de percepções de mundo que vibrem na diversidade de formas de sentir, fazer e imaginar nos tornamos frágeis às mentiras coloniais que se fincam como alicerce de seu plano empresarial. A monocultura do ser, saber e tempo-linear como nos ensina Santos

(2008), faz com que a vida se reduza ao que Ailton Krenak (2019) chama de utilitarismo em prol do lucro e do desenvolvimento. Nesse tom, Antonio Bispo (SANTOS, 2019) nos lembra que ao nos “des-envolvermos” também deixamos de estarmos envolvidos e integrados ao cosmo e aos demais viventes, noção que se alinha ao que pensamos como as quebras dos vínculos de terexistir. A empresa colonial que imbrica plantation, quartéis e igrejas opera ao longo de séculos o cultivo de narrativas totalizantes, que na medida em que produzem esquecimento de outras formas avançam no desencantamento do mundo. A fornalha colonial tem fome de fogo, incinera os viventes e as histórias que aludem sobre outra percepção de habitarmos e interagirmos com o planeta.

### *Segundo ato: a educação ambiental desde el sur frente a dominação colonial e os revides da descolonização*

A colonização (pensamos a colonização como fenômeno de longa duração, que está até hoje aí lançando seus venenos), gera “sobras viventes”, seres descartáveis, que não se enquadram na lógica hipermercantilizada e normativa do sistema, onde o consumo e a escassez atuam como irmãos siameses; um depende do outro. Algumas “sobras viventes” conseguem virar sobreviventes. Outras, nem isso. Os sobreviventes podem virar “supraviventes”: aqueles capazes de driblar a condição de exclusão, deixar de ser apenas reativos ao outro e ir além, armando a vida como uma política de construção de conexões entre ser e mundo, humano e natureza, corporeidade e espiritualidade, ancestralidade e futuro, temporalidade e permanência. Uma disputa operada apenas no campo da política e da economia pode gerar ganhos efetivos, é claro. Mas o salto crucial entre a sobrevivência e a supravivência demanda um conjunto de estratégias e táticas para que saibamos atuar nas batalhas árduas e constantes da guerra pelo encantamento do mundo (RUFINO; SIMAS, 2020, p.6-7).

É entre cruzos (RUFINO, 2019) de diferentes pensamentos assentados na crítica ao colonialismo, mas também considerando inúmeras tecnologias antiterror e em prol da vida que situamos a educação ambiental desde el sur. Dessa maneira, entendemos que a educação ambiental não basta ser crítica, ela deve incorporar a vibração dos viventes que contrariam a lógica colonial nessa guerra. Em diálogo e confluência com o processo de descolonização como ato de contrariar as lógicas dominantes, Ailton Krenak (2019) nos diz:

Como os povos originários do Brasil lidaram com a colonização, que queria acabar com o seu mundo? Quais estratégias esses povos utilizaram para cruzar esse pesadelo e chegar ao século XXI ainda esperneando, reivindicando e desafinando o coro dos contentes? Vi as diferentes manobras que os nossos antepassados fizeram e me alimentei delas, da criatividade e da poesia que inspirou a resistência desses povos. A civilização chamava aquela gente de bárbaros e imprimiu uma guerra sem fim contra eles, com o objetivo de transformá-los em civilizados que poderiam integrar o clube da humanidade. Muitas dessas pessoas não são indivíduos, mas “pessoas coletivas”, células que conseguem transmitir através do tempo suas visões sobre o mundo. (p.14)

Na intenção de uma educação ambiental que se compromete na incorporação da crítica ao colonialismo e na emergência de ações descoloniais, compreendemos que as contribuições desse campo não ganham foco nos conhecimentos ocidentalizados da “natureza”. A educação ambiental na perspectiva que assumimos, *desde el sur* portanto, se aproxima das experiências e vivências que se constituíram de maneira integrada, conforme nos fala Moscovici (1975), entendida como elemento constitutivo do sujeito em sua

dimensão ontológica ecossistêmica e não como conhecimentos acerca de hábitos, valores e atitudes “ambientalmente corretos”. A educação ambiental *desde el sur*, portanto, aqui, aparece com uma intenção política que aponta para o que Bas `llele Malomalo (2019) chama de defesa dos *direitos biocósmicos* ou seja, do reconhecimento de um sujeito que se constitui eco-ontologicamente a partir de suas ancestralidades entrelaçadas com sua ecossistemologia social.

A ecossistemologia social engloba a percepção de que toda a sociedade possui um metabolismo, um sistema de trocas de matéria e energia com o ambiente natural. Cada sociedade, portanto, estabelece um metabolismo diferente que vai gerar maior ou menor pressão sobre a natureza, impondo ou não seu ritmo metabólico em relação aos próprios tempos e biorritmos dos ecossistemas. A natureza possui, por sua vez, uma biodinâmica e uma biorrítmica em cada tipo de ambiente e isso inclui a capacidade dos ambientes de se regenerar, se recuperar e se reestabelecer após qualquer alteração. Nas *sociedades com a natureza*, os tempos da natureza e os tempos das ações humanas seguem um mesmo compasso e estabelecem uma biodinâmica entre si, constituindo uma ecossistêmica social em equilíbrio dinâmico ao qual chamamos de *homeostase*. Já em *sociedades contra a natureza*, a biorrítmica das interações metabólicas impede os tempos de regeneração, recuperação, resiliência dos ambientes naturais e quebram a *homeostase*, impondo seu padrão que não leva a outro caminho senão à exaustão e a morte dos viventes.

O que propomos aqui como Educação Ambiental *desde el sur*, considera a “*importância da dimensão imaterial das relações entre humanos e natureza<sup>5</sup>, com destaque à espiritualidade e à transcendência como elementos dialogantes com o campo da Educação Ambiental*” (CAMARGO, 2017, p. 89). Dessa forma, consideramos uma abordagem que situa a educação ambiental não como uma dimensão de conteúdos ambientais transpostos em práticas pedagógicas para a proteção ou conservação do meio ambiente, mas em uma proposta pedagógica de reconexão, reencontro e de uma ética responsiva com a dimensão onto-ecossistêmica dos viventes; lançando assim as possibilidades para um re-encantamento. Nesta trilha admitimos:

O encantamento como uma capacidade de transitar nas inúmeras voltas do tempo, invocar espiritualidades de batalha e de cura, primar por uma política e educação de base comunitária entre todos os seres e ancestrais, inscrever o cotidiano como rito de leitura e escrita em diferentes sistemas poéticos e primar pela inteligibilidade dos ciclos é luta frente ao paradigma de desencanto instalado aqui. Ou seja, o encanto é fundamento político que confronta as limitações da chamada consciência das mentalidades ocidentalizadas. (SIMAS; RUFINO, 2020, p. 7-8).

### *Considerações Finais*

Acredito que seja essa estreita relação dos povos de lógica cosmovisiva politeísta com os elementos da natureza, é dizer, a sua relação respeitosa, orgânica e biointerativa com todos os elementos vitais, uma das principais chaves para compreensão de questões que interessam a todas e a todos. Pois sem a terra, a água o ar e o fogo não haverá condições sequer para pensarmos em outros meios. (SANTOS, 2019, p.48)

Abrimos caminhos com Antonio Bispo dos Santos e seguimos a caminhada com a provocação de Ailton Krenak: *recurso natural para quem? Desenvolvimento sustentável para quê? O que é preciso sustentar?* (2019, p.12). Em outro passo ele nos desloca: *mito da sustentabilidade, inventado pelas corporações para justificar o assalto que fazem à nossa*

---

<sup>5</sup> Lemos essas dimensões na categoria de viventes. *Sobre viventes, sobras viventes e supra-viventes* ver Simas e Rufino (2018).

*ideia de natureza* (KRENAK, 2019, p.9). No rastro da história única, que apaga histórias Krenak nos lembra que:

A ideia de nós, os humanos, nos descolarmos da terra, vivendo numa abstração civilizatória, é absurda. Ela suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos. Oferece o mesmo cardápio, o mesmo figurino e, se possível, a mesma língua para todo mundo. (KRENAK, 2019, p.12)

Desenvolvimento sustentável, portanto, pode ser entendido como uma estratégia de reprodução dos interesses de corporações, e seguindo nosso raciocínio, se constitui como uma política de desencantamento - sendo em muitas medidas uma repetição do fenômeno colonial, colaborando para a manutenção de seus traumas e atuando como um continuum. Assim, as propostas de uma educação para o desenvolvimento sustentável servem ao propósito da construção de sociedades contra natureza, mesmo que seu sofisticado e sedutor discurso soe como um canto das sereias, onde o destino é o naufrágio da experiência da vitalidade. Com relação a ideia de desencantar, concordamos com a compreensão de que:

O desencantamento diz sobre as formas de desvitalizar, desperdiçar, interromper, desviar, subordinar, silenciar, dismantelar e esquecer as dimensões do vivo, da vivacidade como esferas presentes nas mais diferentes formas que integram a biosfera. Entender o desencante como uma política de produção de escassez e de mortandade implica pensar no sofrimento destinado ao que concebemos como o humano, no deslocamento e na hierarquização dessa classificação entre os outros seres (SIMAS; RUFINO, 2020, p. 12)

A ideia de encarar o ambiente como sujeito de direitos parte da compreensão de que o ambiente pode ser visto como uma pessoa não humana - e isso é um dos aprendizados que a descolonização da mãe natureza, do complexo vivente biocósmico pode nos ajudar a alcançar defender e deslocar a lógica do des-envolvimento, que prioriza a dimensão economicista para assumir o encanto como ação política/poética em prol da diversidade de formas de sentir, ser e vibrar mundo. Trazendo a perspectiva de uma cosmogonia não colonizada Krenak aponta, justamente, a possibilidade de enxergar o ambiente enquanto seres não humanos, admitindo, inclusive, a necessidade de reconhecer os direitos deste:

O rio Doce, que nós, os Krenak, chamamos de Watu, nosso avô, é uma pessoa, não um recurso, como dizem os economistas. Ele não é algo de que alguém possa se apropriar; é uma parte da nossa construção como coletivo que habita um lugar específico, onde fomos gradualmente confinados pelo governo para podermos viver e reproduzir as nossas formas de organização (com toda essa pressão externa). (KRENAK, 2019, p.21).

Nesse curso são emergenciais as ações que rumem em prol da descolonização dos viventes e de suas gramáticas submetidas ao terror colonial. Considerando a defesa dos direitos biocósmicos dos que se constituíram confrontando os efeitos do contínuo colonial, percebemos que esses tecem biointerações, confluências (SANTOS, 2019) e cruzos (RUFINO, 2019) com outras possibilidades de constituição do que podemos chamar eco-ontológicas ou terrexistenciais. Trata-se de uma educação ambiental em ato de descolonização e para tal, porosa e permeável à outras escritas, temporalidades, biorritmicas, biodinâmicas, expressividades e potencialidades e terrexistências. Uma educação ambiental situada na radicalidade da defesa da vida e do direito de existir, seja com qual carapuça essa vida se expresse. Essa é a defesa política, epistemológica e ética de uma educação ambiental que caminha pelas trilhas do encantamento, que entende a vida de forma ecológica e em

biointeração; e que parta de uma denúncia das mazelas e cicatrizes dessa máquina de desencantamento que foi produzida pelos processos de colonização. É a partir desse ponto que pontuamos a emergência de uma Educação Ambiental Desde El Sur.



Gravura de Daniel Renaud: “Terrexistência” (2020).

### *Referências*

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O Perigo de uma História Única** (tradução de Julian Romeu) – 1ª ed, São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BAPTISTA, Clara; BENITES, Sandra; SÁNCHEZ, Celso. Diálogos Interculturais com a comunidade indígena Guarani Mbyá: a Relação com a terra e territorialidade como temas geradores de Educação Ambiental e Ensino de Ciências. In: Kassiadou et al (orgs). **Educação Ambiental Desde El Sur**. Editora Nupem, Macaé, 2018.

CAMARGO, Daniel Renaud. **Lendas, Rezas e Garrafadas: Educação Ambiental de Base Comunitária e os Saberes Locais no Vale do Jequitinhonha**. Dissertação (mestrado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser fundamento do ser**. Tese (doutorado em Educação). Programa de pós-graduação em Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.

CESAIRE, Aimé. **Discurso sobre o Colonialismo** (tradução de Noémia de Sousa), livraria Sá da Costa Editora, Lisboa, 1ª ed, 1978.

DUSSEL, Enrique. 1942: **O Encobrimento do Outro** – A Origem do Mito da Modernidade (tradução de Jaime A. Clasen), Petrópolis, RJ. Vozes, 1993.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra** (tradução de José Laurênio de Melo) Civilização

Brasileira, Rio de Janeiro, 1968.

HAESBART, Rogerio. **Território e Multiterritorialidade**: um debate. GEOgraphia. Rio de Janeiro, ano 11, n. 17, p. 19-44, mar, 2007.

HARAWAY, Donna. **Anthropocene, Capitalocene, Plantationocene, Ctchullucene**: making kin. Environmental humanities, v. 6, p 159-165, 2015.

KRENAK, Ailton. **Ideias para Adiar o Fim do Mundo**. Companhia das Letras, São Paulo, 2019.

MALOMALO, Bas`Ilele. **Filosofia Africana do NTU e a Defesa de Direitos Biocósmicos**. Problemata: R. Intern. Fil. V. 10. n. 2, p. 76-92, 2019.

MOSCOVICI, Serge. **Sociedade contra a natureza**. Rio de Janeiro: Vozes, 1975.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Mórula Editorial, Rio de Janeiro, 2019.

RUFINO, Luiz; SIMAS, Luiz Antonio. **Fogo no Mato**: a ciência encantada das macumbas. 1. Ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização**, Quilombos: modos e significações. 2 ed revisada e ampliada. Publicação Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (INCT), Universidade de Brasília (UNB), Programa Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia, Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), Brasília, Março de 2019.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Encantamento**: Sobre Política de Vida. Mórula Editorial, Rio de Janeiro, 2020.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

WALSH, Catherine. **Interculturalidade, Estado, Sociedad. Luchas (De) coloniales de nuestra época**. Primeira edición: Universidad Andina Simón Bolívar/ Ediciones Abya-Yala, 2009.

### **Luiz Rufino**

Professor da FEBF (Faculdade de Educação da Baixada Fluminense) da UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) e do PPGECC (Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas). Email: [luizrfn@gmail.com](mailto:luizrfn@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0206-254X>.

### **Daniel Renaud Camargo**

Doutorando do programa de pós graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EICOS-UFRJ), mestre em Educação, Cientista Ambiental e artista plástico. Atua há quase uma década junto a comunidades do Vale do Jequitinhonha. E-mail: [danielrenaud\\_22@hotmail.com](mailto:danielrenaud_22@hotmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4144-712X>.



### **Celso Sánchez**

Poeta biólogo mestre em psicossociologia de comunidades e ecologia social, doutor em educação Professor da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro UNIRIO, coordenador do grupo de Estudos em Educação Ambiental desde El Sur GEASur. E-mail: [celso.sanchez@hotmail.com](mailto:celso.sanchez@hotmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5634-023X>.

Recebido em: 30 de setembro de 2020

Aprovado em: 1 de outubro de 2020

Publicado em: 31 de outubro de 2020